



EMILIANA SILVA
**Abordagem
 LEADER
 de olhos
 postos
 na inovação**

página 3



SANTA BÁRBARA
**Formar
 músicos
 com
 instrumentos
 de qualidade**

página 4



GRATER – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 35 . abril/2021 • grater@grater.pt • www.grater.pt • www.facebook.com/grater.pt • distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



PRORURAL+

Governo dos Açores

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
 Fundo Europeu Agrícola
 de Desenvolvimento Rural
 A Europa investe nos espaços rurais



páginas 6 e 7

ARTESANATO DOS AÇORES TEM FUTURO

Webinar marca reta final do projeto "Craft & Art".



FÁTIMA AMORIM
Presidente do Conselho de
Administração da GRATER

EDITORIAL

Ao chegarmos à primavera, a GRATER publica mais uma edição da revista "Olhar o Mundo Rural". Numa época em que se preparam muitos dos terrenos para as sementeiras das culturas de primavera-verão, dedicamos um espaço de opinião sobre a temática do solo e a sua importância em termos de segurança alimentar, adaptação às alterações climáticas e na prestação de serviços ecossistémicos.

O solo, sendo a camada superficial da crosta terrestre, composto por matéria orgânica, partículas minerais, água, ar e organismos vivos, é um elemento essencial para os sistemas de produção agrícola e florestal.

Reconhecendo a importância do solo, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou, em 2015, o "Ano Internacional dos Solos" e o dia cinco de dezembro como o "Dia Mundial do Solo".

Consciente da degradação que se tem verificado ao nível dos solos e as implicações na produção de alimentos, na proteção da biodiversidade, no combate às alterações climáticas, e defendendo a necessidade de serem implementadas medidas que visem a sua conservação e regeneração, a Assembleia Geral das Nações Unidas definiu 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, em que alguns deles estão diretamente ligados à qualidade dos solos e ao restabelecimento das suas funções e serviços, nomeadamente na erradicação da pobreza e da fome, na melhoria da qualidade da água e na proteção da vida e dos ecossistemas terrestres.

É importante para a sociedade compreender a importância do solo para a vida, e a necessidade de implementar medidas de política, com efeitos positivos nos solos agrícolas e florestais.

Iremos, ainda, nesta edição, apreciar dois projetos que para nós são exemplares.

As filarmónicas são fundamentais para preservar as tradições e a cultura do território e promover a aprendizagem da música. A Filarmónica Recreio de Santa Bárbara, fundada em 1877, tem como prioridade a formação de crianças e jovens, com especial enfoque na iniciação musical. De forma a dar continuidade ao seu trabalho, apresentou um projeto para aquisição de equipamentos musicais, investimento que contribuirá para a formação de novos elementos e para preservar a qualidade musical.

A GRATER tem como missão apoiar a iniciativa privada. Nesta edição apresentamos o projeto de um jovem empreendedor Nuno Moreira que, reconhecendo a importância da atividade física para a saúde, investiu na ampliação do seu espaço e na aquisição de novos equipamentos, com o objetivo de desenvolver e dinamizar a sua empresa e continuar a incentivar a prática do desporto e um estilo de vida ativo.

No espaço reservado ao associado, podemos ler o depoimento da Fundação do Ensino Profissional da Praia da Vitória, que muito tem contribuído para a formação dos jovens no nosso arquipélago, sendo o seu trabalho fundamental para a inserção socioprofissional desses jovens.

Contamos, ainda, nesta edição, com uma entrevista à Doutora Emília Silva, que assumiu recentemente as funções de Diretora Regional do Desenvolvimento Rural e a quem desejamos os maiores sucessos nesta nova etapa da sua vida.

Desejo a todos uma boa leitura.

OPINIÃO

O surgimento da agricultura e o conhecimento dos solos



JOÃO MADRUGA
Diretor do Instituto da Investigação
e Tecnologias Agrárias e do Ambiente

A convite da Direção da GRATER iniciamos hoje uma série de artigos de opinião sobre temas relacionados com a temática dos solos. Encaramos o desafio com alguma preocupação, mas com o forte propósito de divulgar algumas das propriedades fundamentais dos solos.

Quando falamos de solo, uma das primeiras noções que nos surge é a da "terra" onde produzimos os nossos alimentos. Admitindo, assim, que o solo é peça imprescindível para a Humanidade, pela sua ligação umbilical à Agricultura, vamos iniciar este nosso primeiro artigo com uma breve resenha histórica sobre a evolução da agricultura e a utilização do solo. Segundo as mais recentes revelações genéticas, uma pequena tribo procedente da África terá, há cerca de 100 000 anos, iniciado a colonização de toda a Terra.

Muito embora tenha sido um processo muito longo, admite-se que há cerca de 13 000 anos, o Homo sapiens sapiens estava praticamente disperso por todos os continentes, vivendo essencialmente da caça e das colheitas. Contudo, por que razão nasceram civilizações tão diferentes? Porque que é que o desenvolvimento tecnológico não foi idêntico para todos? Qual a razão por que foram os europeus que invadiram a América, dizimando os índios e não o contrário?

Julgamos que toda esta superioridade europeia teve por base a invenção da agricultura, descoberta que muito contribuiu para uma extraordinária expansão demográfica, fruto da alteração do tipo de vida dos nossos antepassados.

A agricultura contribuiu para o surgimento de organizações políticas e económicas complexas e hierarquizadas. O poder das antigas civilizações (egípcia, mesopotâmica, chinesa, índica, etc.) estava, sem dúvida, unido ao poder da agricultura.

Na época neolítica, o aparecimento da agricultura fez-se, pelo menos, em quatro zonas distintas: a primeira, situada no Crescente Fértil, onde há cerca de 10 500 anos, os primeiros agricultores iniciaram o cultivo de cereais, leguminosas, da oliveira e domesticaram, entre outros, as ovelhas. Sabe-se que um dos principais fatores responsáveis pela prosperidade desses povos, foram os solos das planícies aluviais dos rios Tigres e Eufrates. Admitimos, assim, que os primeiros ensinamentos agrícolas estivessem ligados à fertilidade natural do solo dos aluviões da Mesopotâmia.

Na antiga China, através do conhecimento dos seus arquivos, foi possível apurar que na dinastia de Yao (2375 a 2261 A.C.), com a finalidade de tributar impostos, já se utilizava um sistema de classificação de solos.

No início da civilização, enquanto o homem era somente um caçador e um mero coletor de alimentos, o solo deveria ser encarado, apenas, como algo abaixo da superfície da Terra. O homem da pré-história tinha, obviamente, conhecimento de que determinados trechos eram mais fáceis de caminhar, enquanto outros deveriam ser evitados. Contudo, pouco ou nada deve ter refletido sobre a origem e natureza da camada superficial da crosta terrestre a que chamamos solo.



ENTREVISTA

EMILIANA SILVA, DIRETORA REGIONAL DO DESENVOLVIMENTO RURAL

Abordagem LEADER deverá privilegiar a inovação

Emiliana Silva é a nova Diretora Regional do Desenvolvimento Rural. Em entrevista à Olhar o Mundo Rural, traça os objetivos de desenvolvimento para os próximos quatro anos, baseados, também, numa alteração de paradigma da abordagem LEADER.

Assumi recentemente o cargo de Diretora Regional do Desenvolvimento Rural (DRDR). Qual é a estratégia que propõe para, nos próximos quatro anos, alavancar o potencial das zonas rurais do arquipélago?

Neste momento a DRDR está numa fase de diagnóstico, estando a apreciar os programas comunitários, nacionais e regionais, verificando a adesão, pertinência e adesão dos mesmos à Região Autónoma dos Açores.

Tenho muito empenho e canalizarei os meios que forem necessários para aumentar a autosuficiência alimentar, valorizando as produções locais, tornando mais eficiente a alocação dos programas às necessidades dos açorianos, respeitando os preceitos económicos, sociais, ambientais e culturais que contribuem para a nossa “açorianidade”. Em consequência, pretende-se aumentar a quantidade, qualidade e certificação dos produtos agroalimentares açorianos, bem como promover a inovação nas diversas fases, desde o produtor ao consumidor, ao abrigo dos programas de desenvolvimento agrorurais.

Que visão tem a Direção Regional do Desenvolvimento Rural para estas localidades? O que é que o mundo rural tem a oferecer ao todo regional, na sua opinião?

O mundo rural é uma prioridade da DRDR que pretende, por um lado, apoiar na transversalidade as condições que permitam a todos os seus residentes uma melhor qualidade de vida e rendimentos que possibilitem a fixação nas freguesias rurais, ou alternativamente, promover uma maior aproximação às necessidades rurais, provendo melhor conhecimento e proximidade, como tem sido a abordagem do programa comunitário LEADER – que tem contribuído não só para a criação de emprego, mas também para a criação de bens e serviços aos habitantes das zonas rurais, bem como para a preservação do nosso património natural e imaterial, tão singulares no contexto mundial num contexto de respeito de continuidade da preservação ambiental.



O PRORURAL+, Programa de Desenvolvimento Rural dos Açores, está a chegar ao fim do seu período de vigência. Que futuro antevê para este instrumento?

O futuro passa pelo aprofundamento das relações estratégicas entre a população do meio rural e as organizações de desenvolvimento local, potenciando-as em favor de um maior progresso, através da criação de atividades não agrícolas, que visam fixar a população rural e valorizar o seu contexto numa ótica mais globalizante, pela valorização do património e identidade cultural, pela preservação da paisagem das zonas rurais, pelo recurso às energias renováveis, à economia circular, ao mesmo tempo que se dotam estas zonas com serviços que permitam o bem-estar das populações residentes, principalmente dos idosos e crianças. O orçamento do PRORURAL+ prevê uma dotação para a abordagem LEADER. Sendo assim, antevê a sua continuidade, mas também uma alteração de paradigma, em que se privilegie a inovação, nomeadamente a inovação escondida *per si* ou combinada com a inovação tecnológica. Ou seja, em termos gerais, o que se pretende é dar continuidade a operações tradicionais e reinventá-las.

Urge a necessidade da definição de ruralidade, que deverá ser ajustada à realidade açoriana, para que haja um melhor aproveitamento do programa LEADER, para o desenvolvimento do mundo rural açoriano.

As negociações da Política Agrícola Comum (PAC) devem terminar até maio. Quais são as expectativas em relação a esta revisão, no que diz respeito ao impacto nos Açores e na abordagem LEADER?

Que a continuidade do programa permaneça, com a mesma abordagem do bottom-up privilegiando a proximidade com a comunidade

rural para que se potenciem as iniciativas que permitam melhorar a criação de emprego e a sua sustentabilidade nas zonas rurais.

No entanto, o desenvolvimento local ainda tem um caminho longo a percorrer, podendo no futuro incorporar na sua estratégia novos elementos e soluções para o meio rural. Através de uma estratégia que permita a inclusão de ideias inovadoras, poderão ser introduzidas mudanças essenciais em benefício dos seus territórios, permitindo assim um crescimento sustentável e diferenciador.

Para além dos fundos da PAC, prevê-se que cheguem à Região cerca de 30 milhões de euros do Fundo de Recuperação e Resiliência, montante destinado ao setor agrícola. Espera que essas verbas possam ser aplicadas também no desenvolvimento rural dos Açores, através da abordagem LEADER? Em que áreas?

Vivemos num momento de crise na sociedade açoriana, em que as necessidades de saúde, económicas, entre muitas outras, são prioridades absolutas. As verbas a usar terão de satisfazer as várias necessidades mais prementes do setor agrícola. A verba atribuída ao LEADER continua a assegurar os valores mínimos regulados pela Comissão Europeia para o orçamento comunitário PRORURAL+. Neste momento, a distribuição do Fundo de Recuperação e Resiliência está a ser equacionada pelo Gabinete de Planeamento da Secretaria Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural e a DRDR está convicta de uma distribuição equitativa, de acordo com as regras comunitárias.

Qual é e qual será a importância dos Grupos de Ação Local dos Açores no desenvolvimento das políticas rurais na Região? Que relação pretende manter com estes organismos?

Os Grupos de Ação Local desempenham um papel importante no desenvolvimento do meio rural. Sendo compostos por representantes dos vários setores locais, beneficiam de um conhecimento abrangente da realidade do seu território de intervenção, o que lhes permite desenhar a estratégia de desenvolvimento mais adequada, tornando-os parceiros privilegiados nesse processo.

A DRDR pretende aprofundar a relação com os Grupos de Ação Local. Demos início a uma série de reuniões individuais com os grupos e será brevemente agendada uma reunião geral ordinária seguindo as normas de funcionamento do PRORURAL+, onde serão abordados vários assuntos nomeadamente os futuros passos do LEADER.

ESPAÇO ASSOCIADO

FUNDAÇÃO DE ENSINO PROFISSIONAL DA PRAIA DA VITÓRIA

O ensino do futuro

A Escola Profissional da Praia da Vitória rege-se pelas aspirações da comunidade e dos jovens que ali preparam o seu percurso. Domingos Borges, presidente, diz que a ideia que subsiste em relação à formação profissionalizante é, ainda, desfasada da realidade.

Corria o ano de 1995 quando a Escola Profissional da Praia da Vitória dava os primeiros passos. Há 26 anos, o estabelecimento de ensino dependia de um contrato-programa celebrado entre a autarquia e a tutela da Educação. Em 2000, as escolas profissionais foram obrigadas a integrar-se noutras entidades, daí que tenha sido criada a Fundação de Ensino Profissional da Praia da Vitória. Naquele tempo, como agora, o projeto era guiado segundo o objetivo da boa qualificação profissional, tendo em vista as necessidades da comunidade e, sobretudo, dos jovens que procuram um percurso escolar alternativo – mais técnico, ainda que teórico o suficiente para abrir caminhos de acesso ao ensino superior.

Domingos Borges, presidente do conselho de administração da Fundação, acompanhou o processo desde o início. É uma senda que se faz de dificuldades, claro, mas acima de tudo de concretizações. “Fazemos o melhor pelos nossos alunos”, sublinha.

O ensino profissional na Praia da Vitória nasceu focado na hotelaria e na restauração. Mais de duas décadas depois, as duas áreas são ainda as maiores referências na escola. Aqui aprende-se a servir a sala de um restaurante, mas também se estuda cozinha, pastelaria e padaria. Apesar desta clara vocação, o estabelecimento oferece ainda um leque de outras oportunidades ligadas à computação, eletrónica e automação, mas também à multimédia e à agropecuária. “O objetivo é que os jovens escolham a área com que mais se identificam, e façam aqui o se-



cundário com uma dupla certificação, que lhes permita ingressar na vida ativa e prosseguir estudos. Achamos que é uma via de ensino com margem de crescimento, temos sempre mais procura do que oferta, mas nesse aspeto estamos condicionados”, afirma Domingos Borges.

A Escola Profissional da Praia da Vitória acompanha os jovens que ali estudam desde o primeiro momento e até muito depois de se formarem e deixarem as salas de aulas. Fá-lo por genuíno cuidado, mas também para que desse acompanhamento possa recolher dados que orientem as

decisões de futuro. Nesta altura, por exemplo, está a ser ultimado o relatório relativo ao ciclo de formação 2013/2020, que pretende saber se os alunos estão a trabalhar, se se mantêm nas suas áreas formativas ou se mudaram de rumo, se estão ou não a prosseguir estudos. E já há algumas conclusões, avança o presidente do conselho de administração da Fundação. Sabe-se, em primeiro lugar, que a maioria dos jovens (74%) trabalha, sobretudo nas áreas nas quais estudaram. Em segundo lugar, ressalva-se que apenas 4% prosseguem estudos superiores. São números baixos, mas

Domingos Borges não estranha. “Estes alunos vêm focados numa determinada área e em determinadas experiências. Querem um ensino mais técnico”, sublinha.

A Fundação de Ensino Profissional da Praia da Vitória desenvolve a sua ação de olhos postos na Terceira, nas suas necessidades e aspirações, ouvindo os jovens e guiando-os no seu caminho. Diz-se, por isso, um organismo de desenvolvimento local e é isso, avança o responsável, que o une à GRATER. “É um parceiro estratégico normal. No fundo, somos duas associações – uma associação e uma fundação – que contribuem, cada uma à sua maneira, para o meio onde estão inseridas”, sustenta.

Será este tipo de ensino, o ensino promovido nesta fundação, o futuro?, perguntamos. A resposta, para Domingos Borges, é simples: “Há ainda uma ideia de que os jovens que nos procuram têm mais dificuldades, são mais desinteressados, mas essa é uma ideia desfasada da realidade. Muitos deles têm percursos de sucesso no ensino básico e vêm para a escola profissional, porque já perceberam que podem, depois, continuar a estudar e ingressar no ensino superior. Por isso, este tipo de ensino já é o futuro”.



PROJETOS EXEMPLARES

FILARMÓNICA RECREIO DE SANTA BÁRBARA

Instrumentos e formação de qualidade

A aposta da Filarmónica Recreio de Santa Bárbara nas escolas de música é um investimento no futuro. É a garantia de que a banda continua a ter instrumentistas bem preparados, capazes de multiplicar uma herança musical que remonta a 1877. Também aqui, ensinar é resistir. E o esforço é contínuo. As escolas de música são projetos anuais. Têm uma componente bá-

sica de formação musical e, à medida que os alunos vão avançando no solfejo, intensifica-se também o contacto com os instrumentos. O sucesso da iniciativa, garante Paulo Fagundes, presidente do organismo, está dependente de dois fatores essenciais: formadores especializados e instrumentos de qualidade.

Em 2018, a Filarmónica Recreio

de Santa Bárbara decidiu avançar com um investimento avultado. O organismo já não conseguia dar resposta, com o instrumental que tinha, às solicitações quer da banda, quer das escolas. Havia, por isso, que comprar novo material de sopro e percussão.

“Os bons instrumentos são muito dispendiosos e sozinhos não os conseguiríamos adquirir. Quando procurámos fundos de financiamento percebemos que a GRATER poderia ser um parceiro interessante, porque tem percentagens de apoio muito consideráveis. Foi uma oportunidade única”, refere o responsável.

O montante de investimento superava os 27 mil euros, tendo sido apoiado com uma taxa de comparticipação de 80%, o que fez um total de 22.219,26€ de apoio. “Era impossível garantir, sozinhos, esse montante”,



refere Paulo Fagundes.

E os instrumentos aí estão. Vivem com os músicos, saltam dos ensaios na filarmónica para ensaios em conservatório, passam por desfiles, procissões e bailinhos. Há um ano que veem a sua atividade reduzida, embora com ensaios pontuais e aquela apresentação online, em que a banca pôde executar o Hino do Espírito Santo – um vídeo que em menos de 15 dias já tinha mais de 60 mil visualizações. Agora, depois de um ano praticamente perdido, aguarda-se um regresso em grande. Está tudo preparado.



NUNO MOREIRA. PERSONAL TRAINER

Treino físico adaptado às necessidades

Nuno Moreira, personal trainer, dá os seus treinos, hoje, em São Sebastião. A mudança para esta vila rural de Angra do Heroísmo não foi ao acaso – foi muito ponderada e teve em conta, diz-nos, dois critérios. Por um lado, a proximidade aos dois concelhos da ilha Terceira; por outro, a falta de respostas semelhantes naquele raio de ação. A verdade é que a aposta tem-se revelado frutífera: a procura pelos seus serviços está a crescer, com clientes das duas cidades e muita gente a deslocar-se das freguesias limítrofes.

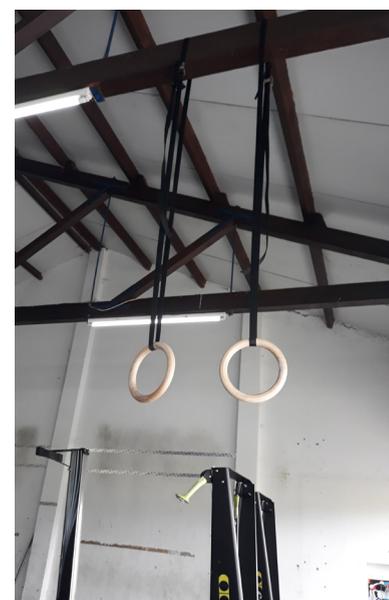
O crescimento do negócio tem sido sustentado em decisões tomadas nos últimos anos e numa capacidade de adaptação que se caracteriza pela atenção constante às necessidades do mercado. Por isso, avança, as dificuldades impostas pela pandemia da COVID-19 acabaram por não se traduzir num problema, antes

numa oportunidade. “Tivemos de nos voltar para outros ramos e aprofundar aquilo que já estávamos a explorar, como os treinos outdoor. Com a pandemia começámos também a ir a casa das pessoas e isso acabou por chamar a atenção de mais gente e conseguimos fazer crescer a nossa carteira de clientes. Temos de nos adaptar às circunstâncias”, afirma. O investimento nos treinos de rua acabou por ser uma aposta consistente. E para isso, Nuno Moreira fez-se valer, também, da GRATER para adquirir tudo aquilo que era necessário para prosseguir esse caminho. Em causa esteve a compra de vários materiais – bolas medicinais, remos, bicicletas ... – que pudessem ser utilizados tanto nos treinos em espaço fechado como em outdoor. “Na altura eu não estava a conseguir dar resposta a todos os clientes que nos estavam a contactar e uma das pessoas a



quem dávamos treino acabou por nos sugerir a GRATER, para nos candidatar-mos e assim encontramos financiamento para o projeto. Estava na altura de darmos o próximo passo e assim fizemos”, diz. O investimento elegível de 28.384,21 euros teve uma taxa de comparticipação de 70%, pela criação de um posto de trabalho, o que se traduziu num apoio de 19.868,95 euros.

O personal trainer prossegue, desta forma, o seu caminho, focado nos treinos funcionais, adaptado às atividades que os clientes desenvolvem no seu dia a dia. Com a visão e os recursos certos, o futuro afigura-se risonho.



NOTÍCIAS

GRATER quer continuar a apoiar o artesanato

A GRATER vai “tentar aproveitar todas as oportunidades, em termos de financiamento”, para apoiar o artesanato local e assim, também, abrir portas a uma maior fixação da população nos seus territórios de intervenção. A mensagem foi deixada pela presidente do Conselho de Administração da Associação de Desenvolvimento Regional, Fátima Amorim, no webinar “Os desígnios do artesanato”, que decorreu no passado dia 23 de março, no Auditório do Ramo Grande, na Praia da Vitória, e que marcou a reta final do projeto “Craft & Art”.

“Embora o projeto esteja a terminar, já estamos a pensar em mais uma ação, dentro das limitações orçamentais, e vamos tentar fazer o máximo. Gostaríamos de dar continuidade ao projeto, porque é uma área que gostamos muito de trabalhar e é uma área que achamos que é necessária: é necessário continuar a apoiar todos aqueles que trabalham no artesanato e, neste sentido, sempre que houver oportunidade de apresentarmos mais alguma candidatura, vamos fazê-lo. Também há outros programas disponíveis, nomeadamente o PRORURAL+ e já temos ideias relativamente a isso. Já temos em mãos um projeto relacionado com resíduos e gostaríamos muito de o associar ao artesanato, na perspetiva da economia circular, que precisamos de trabalhar cada vez mais”, afirmou a responsável.

Mesma ideia, aliás, foi defendida pela técnica da GRATER, Sancha Gaspar, a quem coube a apresentação dos resultados da iniciativa. “Entendo que importa traçar o futuro. Considero que urge manter o apoio a estas pessoas e unidades produtivas, pelo que lanço o desafio de se perspetivar uma nova candidatura, agora mais enraizada nas efetivas necessidades deste setor, mais objetiva, e até quicá mais ambiciosa. Pelo que fica o repto aos técnicos, mas sobretudo aos que possuem poder decisório. Pois os nossos territórios assim merecem este olhar atento e cuidadoso”, avançou.



O “Craft & Art”, que está agora nos últimos meses de vigência, está a ser desenvolvido desde 2017 e juntou à GRATER – que liderou o projeto – a ADELIAÇOR – Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, o Centro Regional de Apoio ao Artesanato dos Açores, o Instituto do Vinho, dos Bordados e do Artesanato da Madeira, a Fundação para a Etnografia e Desenvolvimento das Canárias e o Centro Nacional de Artesanato e Design de Cabo Verde. Com um investimento total de cerca de um milhão de euros, ao abrigo do INTERREG MAC 2014/2020, participado a 85% pelo FEDER, pretendeu-se dotar as pequenas e médias empresas que se dedicam ao artesanato de conhecimentos técnicos e de gestão, por forma a afirmar o produto artesanal nos mercados locais e internacionais, ao mesmo tempo que se criaram as bases para a produção de matérias-primas e para o desenvolvimento destas artes enquanto prática económica certificada. Ao longo dos últimos quatro anos qualificaram-se artesãos e empresas, através de ações de formação e residências criativas, que potenciaram a troca de saberes e técnicas entre os territórios. “As parcerias e a cooperação são ferramentas importantes para nos darem a conhecer outras realidades, permitindo troca de experiências, transferência de

práticas e de saber-fazer, de modos de estar em rede e, acima de tudo, valorizar os territórios, dando-lhes visibilidade e aproximação entre as populações das mais diversas regiões, sejam elas do país, da Europa ou do mundo”, considerou Fátima Amorim. Em 2020, a taxa de execução do “Craft & Art” ultrapassou os 81% e permitiu alcançar, segundo dados apresentados no webinar, resultados concretos: permitiu a identificação de mais de 30 matérias-primas com potencial para o artesanato dos territórios que desenvolveram este trabalho (nomeadamente, Açores e Madeira); potenciou a participação de cerca de 450 artesãos nas ações formativas; abriu as portas para que 700 artesãos recebessem apoio para exporem e afirmarem o seu produto no mercado e para que mais de 1000 recebessem apoio financeiro indireto; trouxe aos eventos organizados mais de 3500 pessoas.

São dados especialmente importantes, quando se sabe tratar-se de um setor difícil, disse ainda Sancha Gaspar. “Falta-lhe muitas vezes espírito de empreendedorismo e sentido de inovação. Acredito que são consequências ou da falta de investimento no setor ou até mesmo por ser, muitas vezes, uma atividade secundária. A esperança, entendo, surge de projetos como este e do envolvimento de pessoas cada vez mais novas que olham para

a atividade artesanal com outra ambição, conseguindo perspetivar que esta poderá ser uma atividade rentável e uma forma de se perpetuar saberes e conhecimentos ancestrais”, considerou. Esse é, do mesmo modo, o objetivo da estratégia governamental, disse Nuno Melo Alves, Diretor Regional do Planeamento e Fundos Estruturais, que também participou no encontro. “É fundamental reforçar a produção de objetos artesanais com a identidade própria do seu território de origem, requalificando a inserção do artesanato, de tradição cultural, no mercado, diferenciando das demais produções artesanais e aliando o saber-fazer ao design, de modo a que se concebam produtos adaptados às estéticas e necessidades atuais”, afirmou o responsável, que defende ainda ser fundamental “melhorar o acesso da atividade aos mercados, diversificando a base de clientes, encontrando canais alternativos ao turismo e, em simultâneo, melhorar a interligação com esse setor”.

O webinar contou, ainda, com a presença – ainda que de modo digital – dos restantes parceiros do “Craft & Art”, que apresentaram os resultados do projeto nos seus territórios de intervenção. Foi o caso de Arlene Goulart, coordenadora da ADELIAÇOR, que destacou o caráter de proximidade do projeto. “O projeto permitiu-nos realizar estas iniciativas muito direcionadas para os nossos artesãos, de uma forma muito próxima, muito personalizada, com eles e para eles, e muito adaptadas às necessidades que fomos identificando junto deste grupo-alvo. À medida que fomos trabalhando com eles e à medida que fomos realizando as iniciativas que estavam pré-programadas, fomos identificando a necessidade de realizar outras. A nossa ambição foi e continua a ser a promoção da competitividade no artesanato, em especial as artes que são certificadas nos Açores, sempre com a intenção de contribuir para o aumento dos seus rendimentos”, concluiu.

NOTÍCIAS

Artes locais dos Açores têm de apostar na originalidade

“Os produtos têm mais valor quanto mais originais forem”, defendeu Álbio Nascimento, designer, que participou no passado dia 23 de março no webinar “Os designs do artesanato”, relativo ao projeto “Craft & Art”. Segundo o cofundador do estúdio The Home Project, a originalidade da Região reside não só na sua cultura, mas também nos seus materiais.

“No que toca à materialidade, o que nós fazemos é devolver o mais possível a ideia de que aquilo que existe no local é o mais relevante para o local. [Nos Açores] têm vegetais, têm a madeira, têm as espécies, têm materiais que são exemplo daquilo que é a vossa paisagem natural e que são únicos. Ou seja, o artesão que altera o material local por material sintético, entra em competição com milhões de outros artesãos de outras empresas. Enquanto usar aquilo que é local, que é próprio, que está perto, aquilo que são materiais únicos e naturais, outros locais, outras geografias não o conseguem repetir. Isto é uma proposta de produto única, ou seja, garante-se assim a proteção daquilo que é feito”, considerou. O conselho de Álbio Nascimento para os artesãos da Região prende-se, precisamente, com a compreensão e preservação do património local. “Tradição é aquilo que está à mão e é isso que temos de continuar. Trabalhem com eles, percebam estes materiais, estas tecnologias, porque é que as pessoas as usavam, o que têm de propriedades especiais, e depois façam a vossa própria in-



terpretação, inspirem-se, façam novos produtos, novas propostas. Quanto mais trabalharem o local onde estão, mais diferenciadores conseguem ser, porque aquilo que é global em termos de materialidade e de cultura é demasiado lato, é uma coisa homogênea e não tem diferenciação. O que é preciso trabalhar é esta valorização pela diferença, aquilo que é a identidade própria de um local, as pessoas que lá vivem, que permaneceram – é isso que me interessa saber de alguém que está na Eslováquia ou nos Estados Unidos. Se for tudo exatamente igual, se tivermos à disposição os mesmos produtos, independentemente do local onde estamos, o mundo passa a ser um sítio muito cinzento, fica tudo muito aborrecido. A diferença começa na geografia, não se estanca na geografia – a cultura não é um espaço físico”, afirmou.

Para além do designer, que falou aos artesãos sobre “O design na produção artesanal”, participaram ainda no encontro Susana António, do projeto “A avó veio trabalhar”, Márcia Coelho, que apresentou o diagnóstico sobre as matérias-primas com potencial para o artesanato, e Marita Setas Ferro, que falou sobre as parcerias enquanto agentes potenciadores do artesanato.

Questionada sobre o caminho para a afirmação dos produtos artesanais dos Açores no mercado nacional e internacional, a diretora criativa da marca Marita Moreno receitou, para além de um novo olhar sobre o tradicional, a aposta inequívoca no comércio online. “O que acho é que as pessoas têm de estar abertas a outras perspetivas, têm de ser curiosas, têm de estar muito atentas àquilo que o consumidor quer, porque

não vale a pena estarmos a fazer coisas que depois ficam arrumadas porque a pessoa não compra. Não nos esqueçamos que desde há dez anos para cá a área do artesanal está em grande crescimento nas tendências de moda e nas tendências de consumo, articuladas com a tecnologia. O artesanato está muito ligado à nossa memória, à memória dos nossos pais, dos nossos avós, da nossa infância e àquilo que nós muitas vezes queremos recordar, até pela vivência que temos nas cidades e que, muitas vezes, nos torna um bocadinho distantes de um saudosismo. Por isso, há que conjugar, muitas vezes, essa tradicionalidade e essa contemporaneidade, estarmos atentos e não nos esquecermos que vivemos num mundo global. Eu daqui vendo coisas para a Nova Zelândia e da Rússia vendem-me coisas”, referiu.



NOTÍCIAS

Associações de Desenvolvimento Local preparam as novas estratégias LEADER/DLBC

Numa altura em que se assinalam os 30 anos do lançamento do programa LEADER, que inspirou o atual instrumento DLBC – Desenvolvimento Local de Base Comunitária, a Minha Terra – Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local (ADL) promoveu, no dia 24 de março, uma reunião de associadas, com o objetivo de dar mais um passo na reflexão conjunta sobre as prioridades das próximas Estratégias de Desenvolvimento Local dos Grupos de Ação Local. A partir de uma proposta apresentada por um grupo de trabalho constituído por várias Associações de Desenvolvimento Local, mais de 70 participantes de todas as regiões do país discutiram os princípios orientadores para o LEADER/DLBC no próximo quadro de programação.

Do encontro fica claro que o grande objetivo das Estratégias de Desenvolvimento Local deve ser a promoção de territórios mais competitivos, sustentáveis, atrativos e coesos, sendo essencial o apoio à diversificação das funções dos territórios, à criação de empresas e de postos de trabalho, à modernização das condições de produção e à transição para formas mais sustentáveis de produção, comercialização e consumo, à digitalização e reforço da conectividade e mobilidade, ao aproveitamento sustentável

dos recursos ou à valorização do património. Para isso, concluiu-se, é fundamental que se retomem os princípios primordiais do LEADER, sendo de particular importância o retorno ao seu caráter inovador, que reconheça e valorize as particularidades dos territórios e das comunidades.

Os participantes foram unânimes, de resto, na defesa da necessidade de reforço da autonomia de decisão de base local, outro princípio essencial do LEADER, por forma a acautelar as diferenças existentes entre os territórios, mas também para desenhar medidas que vão ao encontro das realidades locais, que se traduzam em iniciativas concretas que contribuam para o desenvolvimento dos territórios e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que aí vivem e trabalham.

O processo iniciado nesta sessão, que permitiu apontar caminhos e alternativas, terá agora sequência em todos os territórios, através de iniciativas dinamizadas pelas parcerias locais que constituem os Grupos de Ação Local, enquanto, em paralelo, se estabelecem as pontes com as autoridades responsáveis pelos programas e pelos financiamentos que favoreçam um exercício de programação dos instrumentos de apoio ao desenvolvimento local mais participado.

CURIOSIDADES do mundo rural

Folares e massa sovada da Terceira

Apenas um pormenor distingue os folares e a massa sovada da Terceira: o ovo no topo do bolo, que indica estarmos no tempo da Páscoa. Na verdade, e porque o Espírito Santo está colado no calendário (as celebrações começam no mesmo domingo), a receita mantém-se nos meses seguintes, para acompanhar o pão e o vinho distribuídos pelos impérios e comissões de festas.

Augusto Gomes, escritor, investigador, contista, jornalista e autor de várias publicações sobre gastronomia, história e etnografia das ilhas dos Açores, refere isso mesmo, no livro *Cozinha tradicional da ilha Terceira*: “[Folares de massa sovada] são confecionados com a mesma massa dos bolos de massa sovada, diferindo apenas pelo facto de terem no topo, ovos. A quantidade de ovos está relacionada com o tamanho dos folares, chegando a haver folares que ostentam seis ovos. Os ovos metem-se nos folares depois destes moldados, de forma a ficarem introduzidos na massa até metade”.

Segue a receita à antiga, dos folares/massa sovada cozidos em lume de lenha, conforme descrita por Augusto Gomes. Outras há menos complexas e com menos ingredientes.

Num alguidar deitam-se seis quilos de farinha muito bem peneirada, afastando-a para um dos lados, de modo a deixar um espaço vazio. Nesse espaço, deitam-se 1250 gramas de manteiga – sendo 500 gramas derretida –, duas colheres de água de flor de laranjeira, 48 gemas de ovos e algumas claras menos espessas.

Aquece-se 1,5 litros de leite, deitando-o depois de bem quente, cerca de metade, sobre 1,5 quilos de açúcar, conservando-se o restante leite ao lume. Mexe-se muito bem o leite com o açúcar até ficar bem diluído.



Deita-se essa calda, usando uma peneira colocada na borda do alguidar, sobre a mistura que já se encontrava no espaço vazio (500 gramas de manteiga derretida e 750 gramas sem estar derretida, 48 gemas de ovos de ovos e algumas claras pouco espessas). Se a calda em questão não tiver calor suficiente, poder-se-á aquecê-la com uma chávina do leite que se mantém ao lume.

Junta-se então 500 gramas de fermento e toma-se a presa, tal como se procede para o pão (isto é, verifica-se a consistência da massa). A massa não deverá ficar muito mole. Amassa-se durante meia hora juntando-se, ao fim deste tempo, a pouco e pouco, uma chávina de leite morno.

A massa, que deve ficar mais enxuta que a massa de pão, fica abafada no mesmo alguidar onde foi trabalhada, pelo espaço de quatro a cinco horas. Findo este tempo, e se a massa está levedada, tendem-se as brindeiras, tal e qual como para o pão de trigo, mas muito mais pequenas. Depois de tendidas abafam-se e, quando a farinha começa a desaparecer, aquece-se o forno, não tão quente como para o pão.

Varre-se o forno experimentando-se a temperatura, pelo seguinte processo: corre-se o forno com um papel branco colocado sobre a pá. Se o papel vem muito tostado volta-se a varrer o forno com um varredoiro (barridoiro) bem alagado, repetindo-se a mesma operação até o papel ficar levemente tostado. As brindeiras vão ao forno sobre folhas de coquilho ou bananeira e, logo que taste, retiram-se para que não fiquem muito secas.

AGENDA

• Avisos GRATER Mar: até dia 22 de abril (pelas 17:59:59 hora local) encontram-se abertos avisos para as seguintes tipologias de investimento:

- Qualificação escolar e profissional relacionada com o mar;
- Reforço da competitividade da pesca;
- Reforço da competitividade do turismo;
- Melhoria dos circuitos curtos de bens alimentares e mercados locais, no âmbito do mar.

• Decorre, a 22 de abril, no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, o seminário “Mar em diálogo”, um evento organizado pela GRATER em parceria com a Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo.